

VENEZUELA



Agência Venezuela News/AFP
A opositora María Corina é filmada por agente da Polícia Nacional pouco antes de deixar protesto



Federico Parra/AFP
Manifestantes bloqueiam membros da polícia motorizada para a passagem da ex-deputada



Pedro Mattey/AFP
Diosdado Cabello, ministro do Interior e número dois do chavismo: "mentira e invenção" da "louca"



Pedro Mattey/AFP
Simpatizantes de Nicolás Maduro participam de motociata convocada pelo regime, na capital

Tensão antes da posse de Maduro

María Corina Machado, principal adversária do regime chavista, teria sido capturada após tiros disparados contra a motocicleta que a levava, ao deixar protesto em Chacao. Comando de campanha diz que ex-deputada foi solta após ser obrigada a gravar vídeos

» RODRIGO CRAVEIRO

A tensão política na Venezuela, à véspera da posse de Nicolás Maduro para um novo mandato, recrudesciu com a detenção momentânea de María Corina Machado. A líder da oposição e vice na chapa de Edmundo González Urrutia, autoproclamado presidente eleito, rompeu 133 dias de clandestinidade e participou de uma manifestação em Chacao, na região metropolitana de Caracas. Pouco depois de discursar e empunhar a bandeira do país, a deputada inabilitada politicamente foi fotografada por um agente da Polícia Nacional Bolivariana, no momento em que deixava o local na garupa de uma motocicleta. De acordo com a oposição, uma operação envolvendo cerca de 20 policiais motorizados e drones interceptou María Corina. Os agentes dispararam contra a motocicleta que a levava, fazendo com que ela caísse no chão, antes de a capturarem.

Cerca de uma hora e meia depois, o Comando Nacional de Campanha de María Corina Machado anunciou a libertação da líder opositora. "Hoje, 9 de janeiro, ao sair da concentração em Chacao, Caracas, María Corina Machado foi interceptada e derrubada da moto que a levava. No incidente, foram disparadas armas de fogo. Durante o período de seu sequestro, foi forçada a gravar vários vídeos e, depois, liberada. Nas próximas horas, ela se dirigirá ao país para explicar os fatos", afirmou a nota publicada na rede social X.

O ministro do Interior da

Venezuela, Diosdado Cabello, negou a detenção da adversária de Maduro. "Queriam alarmar toda a Venezuela, mentindo que o governo a havia capturado... Ela está louca para que a capturem", declarou. "Este era o plano dela: dizer que foi capturada, para verem que pode se levantar", acrescentou o número dois do chavismo. Cabello chamou a história de "uma invenção, uma mentira". "Se a decisão fosse prendê-la, já estaria detida. (...) Não mobilizaram as pessoas, precisavam de uma farsa e disseram: a melhor centelha é a prisão de María Corina Machado."

Exigência

Assim que a notícia sobre a prisão foi divulgada, Edmundo González enviou um recado a Maduro. "Como presidente eleito, exijo a libertação imediata de María Corina Machado. Aos corpos de segurança que a sequestraram, eu lhes digo: não brinquem com fogo". Mais tarde, o autoproclamado presidente eleito classificou o incidente como "muito grave". "O fato de María Corina estar livre não minimiza o que aconteceu com ela. Foi sequestrada em condições de violência", advertiu.

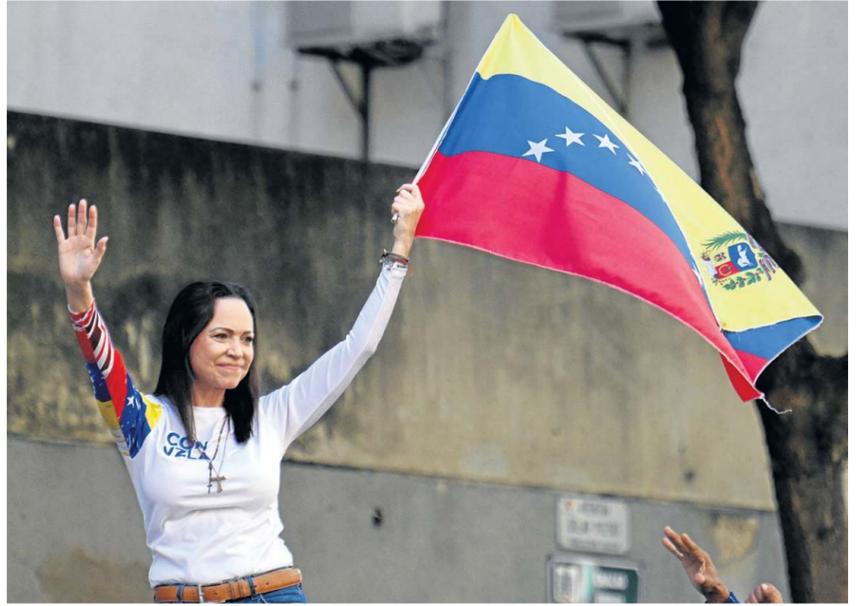
Cientista político da Universidad Simón Bolívar (USB, em Caracas), José Vicente Carrasquero Aumaitre não se surpreendeu com a captura de María Corina. "Essa gente não tem limites. Eles farão todo o possível para acabar com a oposição e, se puderem assassinar María Corina, o farão", disse ao **Correio**, por telefone. "Não há nenhuma razão para terem disparado

contra uma pessoa para detê-la. Aqui, não usamos mais a palavra 'detenção', mas 'sequestro'. Ela não foi detida, mas sequestrada." Para Aumaitre, o que ocorreu com a opositora "faz parte da colheita". "Quando você atua com firmeza contra uma ditadura, ela responde com mãos sujas", acrescentou.

O especialista acredita que a captura de María Corina sinaliza a disposição do regime de Maduro em ampliar a repressão. Ontem, milhares de pessoas saíram às ruas de Caracas e das principais cidades do país, atendendo a uma convocação da própria ex-deputada. Também houve protestos a favor da democracia e da posse de Edmundo González envolvendo exilados em Madri e na América Latina, inclusive no Brasil. Em Chacao, pouco antes de ser detida, María Corina subiu em um carro, empunhou a bandeira da Venezuela e afirmou que "hoje toda a Venezuela foi para as ruas". Ao cantar o hino nacional com os manifestantes, ela repertiu, em coro, com os presentes: "Não temos medo!". "Chegamos até aqui porque tivemos uma estratégia robusta. A partir de hoje, estamos em uma nova fase. A Venezuela é livre, vamos continuar."

Em texto publicado na plataforma Truth Social, da qual é dono, o presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou que María Corina Machado e González "expressam, pacificamente, as vozes e os desejos do povo venezuelano". "Esses guerreiros da liberdade não devem ser feridos, devem permanecer a salvo e vivos!", escreveu. Trump referiu-se a Edmundo González como "presidente eleito".

Juan Barreto/AFP



María Corina Machado ostenta a bandeira venezuelana durante o ato em Chacao, ao lado de Caracas

Jesús Alberto Sifontes



Brasília atende à convocação de protestos

Cerca de 50 exilados venezuelanos em Brasília participaram de um protesto convocado por María Corina Machado em vários países. Com cartazes com as frases "Venezuela livre" e "Maduro assassino", os manifestantes se reuniram na plataforma superior da rodoviária do Plano Piloto. Jesús Alberto Sifontes, coordenador do protesto, considerou a participação "muito boa". "Houve uma boa assistência de venezuelanos de diferentes regiões do Distrito Federal. Conseguimos mostrar, falar e expressar a situação na Venezuela. Muitos brasileiros assistiram à manifestação com interesse", disse ao **Correio**. "Quero parabenizar as pessoas que estiveram conosco, pela coragem delas. É a luta pela liberdade de nossa Venezuela."

ESTADOS UNIDOS

Unidade nacional em adeus a Jimmy Carter

O ex-presidente Jimmy Carter proporcionou um breve momento de unidade nacional a um país dividido, durante seu funeral de Estado realizado na Catedral de Washington, a 11 dias da posse de Donald Trump. O presidente em fim de mandato, o democrata Joe Biden, fez o discurso fúnebre a seu amigo, conforme solicitado pelo próprio Carter na última vez que se encontraram, há quatro anos. "Temos a obrigação de não deixar espaço para o ódio e de enfrentar o que meu pai considerava o maior dos pecados: o abuso de poder", disse Biden, a 11 dias de transferir o poder para Trump. Os presidentes eleito e em fim de mandato deixaram de lado a rivalidade para homenagear Carter, falecido em 29 de dezembro, aos 100 anos, em sua terra natal, Geórgia. A despedida do democrata

Mandel Ngan/AFP



Obama (E) conversa com Trump durante funeral do ex-presidente

que governou os EUA entre 1977 e 1981 teve um momento curioso. O ex-presidente Barack Obama foi fotografado conversando com Trump, entre sorrisos. Também houve um breve momento

de descontração entre Trump e seu ex-vice-presidente Mike Pence, que se cumprimentaram com um aperto de mãos. Foi a primeira vez que foram vistos se saudando assim em público desde

os distúrbios no Capitólio em 2021, quando Pence se recusou a apoiar as falsas alegações de Trump de que havia vencido as eleições de 2020.

Cidadãos puderam prestar suas homenagens em uma capela ardente instalada no Capitólio. O caixão foi transportado para a catedral por uma guarda de honra composta por membros das Forças Armadas em uniforme de gala. Carter, que cumpriu apenas um mandato antes de ser derrotado por Ronald Reagan em 1980, era visto como ingênuo e fraco nos círculos políticos de Washington, até mesmo dentro de seu próprio partido. Com o tempo, a imagem desse fervoroso cristão evangélico mudou, graças a seus feitos, como a mediação de um acordo de paz entre Israel e Egito. Em 2002, ele foi agraciado com o Nobel da Paz.

Josh Edelson/AFP



Incêndios seguem sem controle em Los Angeles

Moradores de Los Angeles se depararam com o panorama desolador deixado pelos incêndios que avançam sem controle pelos arredores da cidade. Até ontem, as chamas haviam deixado cinco mortos, enquanto as condições climáticas ameaçam piorar. Em Altadena, ao norte de Los Angeles, onde as cinco mortes foram registradas, o fogo destruiu mais de 4.200 hectares sem que os bombeiros conseguissem contê-lo. A oeste, no luxuoso bairro de Pacific Palisades, na costa oeste dos Estados Unidos, as chamas consumiram mais de 6.900 hectares desde a manhã de terça-feira, quando começou o primeiro incêndio no sul da Califórnia. "Trata-se de um dos desastres naturais mais destrutivos da história de Los Angeles", afirmou a chefe dos bombeiros, Kristin Crowley.